



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

30 DE MARÇO DE 1977.

IMPROVISO, NO PLANALTO, AGRADECENDO A CONCESSÃO DA «MEDALHA DO MÉRITO DA AGRICULTURA».

Muito me honra receber a Confederação Nacional da Agricultura. Muito me honram também as palavras do presidente da Confederação, muito louváveis a meu respeito, mas que não traduzem mais do que o esforço de todos nós, Governo, empresários, trabalhadores.

Já disse muitas vezes que a economia brasileira e sua vida social repousam na maior parte na agricultura e na pecuária. Mais importante que a indústria, a base tem que ser a agricultura e a pecuária, seja pela extensão territorial que o país tem, seja pela sua crescente população, seja pelas necessidades do mercado internacional, que cada dia vem apresentando um crescendo, que nós não sabemos ainda onde é que vai parar.

Então de um lado a necessidade, de outro lado, a possibilidade. Nós temos que saber conjugar essa necessidade com a possibilidade, sobretudo tirar partido do vasto território. Se por um lado constitui um ônus a infra-estrutura que ele exige, os recursos que ele exige para que se possa desenvolver, por outro lado apresenta a possibilidade que muito poucos países do mundo hoje têm.

Cabe a nós dinamizar esse território e tirar dele o rendimento de que o Brasil necessita. Estamos can-

sados de dizer que o Brasil é um país rico, mas rico em potencial.

Transformar esse potencial em poder, em realidade, é tarefa da nossa geração. Em grande parte, cabe aos empresários e também aos trabalhadores. Evidente que o Governo conjugue a estas forças e procure realizar a sua parte, porque se nós nos unirmos e soubermos realmente utilizar essas forças, obteremos resultados bastante satisfatórios.

O problema em si é complexo. De um lado porque é a atividade mais antiga que se exerce no Brasil e por isso sofre as conseqüências da rotina. Há muita rotina ainda na nossa agricultura. Há hábitos e processos que vêm do passado e que dificilmente se frutifique. Por outro lado a tecnologia moderna tem que ser difundida, tem que ser desenvolvida, mas que é cara, que é difícil e que ela não pode apenas ser copiada, tem que ser adaptada às nossas condições.

Em terceiro lugar há um problema extraordinariamente difícil, que é o problema fundiário. Nas zonas antigas nós lutamos com o problema do minifúndio; nas novas, nós lutamos com o problema da posse. É um desafio que, evidentemente, terá que ser vencido para que a agricultura e a pecuária possam se transformar em empresas racionais dotadas, sobretudo, de produtividade. Não podemos continuamente basear nosso desenvolvimento da agricultura e da pecuária apenas em melhores preços.

Sei que preços são importantes. Mas os preços muitas vezes conflitam com as condições do consumidor e se conflitam muitas vezes também no mercado de trabalho. Então nós temos que fazer tudo para que a nossa produção seja mais barata. Uma das formas é aumentar a sua produtividade. Claro que também o serviço de intermediação, de transportes, o serviço portuário e de comercialização, problemas da moeda, tudo isso são fatores que influem. Então nós temos que prestar muita atenção a isto, inclusive para que possamos desenvolver no mercado externo cada vez mais a nossa competitividade, possamos conquistar mercados, possamos abrir brechas em todas as partes do mundo para colocar a nossa produção.

De outro lado, para que a população brasileira, que é consumidora, não seja martirizada por preços excessivamente altos.

Este é um desafio que nós temos pela frente e, para resolvê-lo, exige, antes de mais nada, que nós nos capacitemos de que um problema bem formulado, bem equacionado, traz em si já uma boa maneira de resolvê-lo. O importante é que se saiba equacionar o problema, possa definir os seus contornos, suas condicionantes e aí então as soluções podem surgir.

Nós temos sobretudo que sair do artificialismo. O artificialismo dura um certo tempo, não pode ser eterno. As coisas têm que ser naturais, têm que ser fruto do mercado para ter condições de compe-

tição. Eu sei que estamos ainda bastante longe, mas isso deve ser a meta, o objetivo final que nós temos que alcançar.

Registrou-se aqui o aumento da nossa produção. Nós não devemos dormir sobre esses louros. Eu acho que esses números, se levarmos em conta a quantidade de pessoas que está envolvida no processo, pelas áreas que vão sendo trabalhadas, esses números podem ser triplicados várias vezes.